



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO CCH -
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS DEPARTAMENTO DE LETRAS

RAFAELA CLAUDINO DE SOUSA

GORGULHO, DE PLAUTO, EM PORTUGUÊS LUDOVICENSE

São Luís - MA

2024

RAFAELA CLAUDINO DE SOUSA

GORGULHO, DE PLAUTO, EM PORTUGUÊS LUDOVICENSE

Monografia apresentada para obtenção do
grau de Bacharel em Letras pela Universidade
Federal do Maranhão - UFMA.
Orientador: Doutor Édson Reis Meira

São Luís - MA

2024

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Claudino de Sousa, Rafaela.

GOSGULHO, DE PLAUTO, EM PORTUGUÊS LUDOVICENSE / Rafaela
Claudino de Sousa. - 2024.

55 f.

Orientador(a): Edson Reis Meira.

Monografia (Graduação) - Curso de Letras - Inglês,
Universidade Federal do Maranhão, São Luís - Ma, 2024.

1. Tradução. 2. Plauto. 3. Comédia. 4. . 5. . I.
Reis Meira, Edson. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Agradeço às energias que me circundam, às forças da natureza que me movem, ao desconhecido que me desafia e me impulsiona. Agradeço por estar viva e poder fazer parte ativa de minha evolução e, de alguma forma, contribuir, ainda que infimamente, para o aprimoramento de alguém ou de alguma coisa.

Agradeço à minha família e amigos mais próximos, pessoas que me apoiaram e deram o suporte necessário. Obrigada aos meus pais, Rubens e Melissa, por me ensinarem a estudar e buscar novos conhecimentos. Obrigada às minhas irmãs que sempre acreditaram na minha capacidade. Obrigada a Daphne e Áurea, minhas amigas de graduação, que sempre me apoiaram e não me deixaram desistir. Agradeço ao meu orientador, professor Edson, que me ajudou e acompanhou nessa jornada.

RAFAELA CLAUDINO DE SOUSA

GOSGULHO, DE PLAUTO, EM PORTUGUÊS LUDOVICENSE

Monografia apresentada para obtenção do grau de Bacharel em Letras pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA.

Aprovada em 19/09/2024

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Edson Reis Meira

Prof. Dr. José Dino Costa Cavalcante

Prof.^a Dr.^a Mônica Fontenele Carneiro

RESUMO

O processo de recriação da peça *Gorgulho*, de Plauto, em Português Ludovicense está fundamentado na concepção de tradução como o estudo do léxico, da estrutura gramatical, da situação comunicativa e do contexto cultural no qual o texto-fonte foi produzido, com vistas para a determinação de seu sentido e para a reconstrução desse sentido com o léxico e a estrutura gramatical apropriados da língua alvo e segundo os traços socioculturais da comunidade receptora (Larson, 1998)¹. Assim como *Menecmos*, *Poenulus*, *Cistellaria*, dentre outras peças de Plauto, *Gorgulho* é uma típica comédia de reconhecimento. Nela o autor dá voz a diversos tipos humanos, como o jovem apaixonado e sua amada, o escravo astuto, a velha beberrona, o alcoviteiro, o cozinheiro, o parasita, o banqueiro avarento e o soldado, todos servindo-se de um latim autêntico, próprio da fala cotidiana do início do século II a. C..

Palavras-chave: Tradução; Plauto; Comédia.

¹ *Apud* Meira, E. R. *A Comédia Greco-Latina em Português Brasileiro*. Projeto de pesquisa em execução no Departamento de Letras desde 2016 (Resolução de aprovação 1500).

ABSTRACT

The process of recreating Plautus' play *Gorgulho*, in Ludovicense Portuguese, is based on the conception of translation as the study of the lexicon, the grammatical structure, the communicative situation and the cultural context in which the source text was produced, with a view to determining its meaning and reconstructing this meaning with the appropriate lexicon and grammatical structure of the target language and according to the sociocultural traits of the receiving community (Larson, 1998). Like *Menecmos*, *Poenulus*, *Cistellaria*, and other plays by Plautus, *Weevil* is a typical comedy of recognition. In it, the author gives voice to various human types, such as the young man in love and his beloved, the cunning slave, the drunken old woman, the pimp, the cook, the parasite, the avaricious banker and the soldier, all using an authentic Latin, typical of everyday speech at the beginning of the second century B.C..

Key-words: Translation; Plauto; Comedy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	Página 8
TRADUÇÕES DE PLAUTO PARA A LÍNGUA PORTUGUESA.....	Página 9
CARACTERÍSTICAS DA PRESENTE TRADUÇÃO.....	Página 11
AS BASES DA TRADUÇÃO.....	Página 13
NOSSO PROCESSO DE TRADUÇÃO.....	Página 15
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	Página 16
APÊNDICE.....	Página 19

1. INTRODUÇÃO

“Assim como toda criação artística, a tradução é um desafio, um esforço de expressão, de comunicação” (LARANJEIRA, 2003, p.123)

A presente pesquisa visa traduzir a peça *Gorgulho*, de Plauto, para o Português de São Luís do Maranhão, considerando o nível sociocultural das personagens, as situações de fala, bem como os conteúdos das trocas comunicativas, além das referências a fatos e personagens da cultura da época, trazendo-os para o contexto brasileiro, especificamente o ludovicense. A tradução faz parte de um projeto de pesquisa liderado pelo professor Dr. Edson Meira, e conta com traduções de outras peças romanas como *Os Menecmos*, traduzida por Alberto Sousa Júnior, e *Aulaularia*, por Yzabella Estrela.

Plauto viveu, provavelmente, entre 254 e 184 a. C. e foi atribuído a ele mais de cem peças de comédia. Ele desempenhou simultaneamente diversas funções relacionadas à arte cênica. Não há consenso em relação a informações básicas sobre a vida do autor, como data de nascimento e morte, cidade natal e até mesmo seu nome. Há, por sinal, teorias de que o nome *Titus Maccius Plautus*, que apesar de parecer romanizado, poderia ser um pseudônimo derivado de algum papel em sua carreira teatral. Com base no estilo de escrita e nas estruturas linguísticas, Varrão atribuiu apenas vinte e uma das peças a Plauto, concretamente.²

Plauto utiliza-se de muitas expressões burlescas que levam ao riso. Traz também elementos originais, romanizando os modelos gregos, e adicionando os seus prólogos que são inéditos e não traduzidos do grego. Nesses prólogos, ele oferecia à plateia um resumo do que seria apresentado, para facilitar o entendimento do enredo e trazia informações pertinentes à peça.

A peça objeto desta pesquisa foi representada na fase intermédia de Plauto. O autor e título do original em grego são desconhecidos. Assim como *Menecmos*,

² Estes dados biográficos sobre a vida de Plauto foram retirados de Rodriguez & Alvarez (2019).

Poenulus, *Cistellaria*, dentre outras peças de Plauto, *Gorgulho* é uma típica comédia de reconhecimento. Nela o autor dá voz a diversos tipos humanos, como o jovem apaixonado e sua amada, o escravo astuto, a velha beberona, o alcoviteiro, o cozinheiro, o parasita, o banqueiro avarento e o soldado, todos servindo-se de um latim com muitas características próprias da fala cotidiana da Roma do início do século II a. C., a qual reproduzimos aqui, explorando as possibilidades expressivas do português de São Luís do Maranhão, como mostram os fragmentos seguintes:

Phaedromus: Deridesne me? (*Gorgulho*, 18)

Fedromo: Tu tá mangando de mim?

Palinurus: Periisse ut te dicas. (*Gorgulho*, 128)

Palinuro: Diz que tu tá lascado.

Como já apontado anteriormente, o autor apresenta estruturas e elementos lexicais típicos do latim vulgar. Nossa finalidade é recriar linguisticamente esse estilo de Plauto, traduzindo *O Gorgulho* em português ludovicense e adaptando-o à cultura e ao contexto locais, apoiados em um aparato teórico-metodológico adequado, segundo o qual “o empréstimo ³deve se tornar algo próprio, pelo tratamento individual e assimilação a seu novo contexto e propósito” (VASCONCELLOS, 2001, p. 38)., proporcionando, assim, ao público uma leitura com a qual ele possa identificar-se.

2. Traduções de Plauto para a Língua Portuguesa

Plauto teve diversos de seus trabalhos traduzidos para a língua Portuguesa, mas apesar de sua relevância para a literatura latina, ainda há um número baixo de pesquisas trabalhando as obras do autor, porém, de acordo com Rodriguez & Alvarez (2019), em um número ainda baixo se comparado com outros autores latinos.

Segundo Adriane Duarte (2016), a história da tradução dos clássicos greco- latinos no Brasil ainda está por ser escrita, e isso é um fato, mas, embora haja muito para

³ A ideia de empréstimos linguísticos aqui se refere ao uso de palavras e expressões que se aproximem da realidade proposta pelo texto original, mas visando a língua alvo para que o expectador possa entender sem que haja perda de sentido.

ser feito ainda, sabemos que esse trabalho vem sendo feito.

Um dos estudiosos contemporâneos que tem por objetivo mostrar uma retrospectiva dos trabalhos já existentes acerca dos escritos de Plauto e que leva também em consideração os trabalhos realizados nos meios acadêmicos é Alvarez (2019), que nos traz em seu artigo *Plauto brasileiro: breve história das traduções da comédia plautina no Brasil* uma retrospectiva das traduções brasileiras do comediógrafo latino, evidenciando os critérios utilizados pelos tradutores.

Esse estudo de Alvarez foi importante para que pudéssemos destacar as diferenças de nossa proposta de tradução de *Gorgulho* em relação às já realizadas no Brasil. No século XX, tem-se um aumento nas traduções Plautinas, ainda que continuem sendo em menor quantidade do que a de outras peças clássicas, porém, de acordo com Alvarez (2019), somente oito comédias individuais foram traduzidas, entre elas *O anfitrião*, *O soldado Fanfarrão* e *Gorgulho*, a última tendo apenas duas traduções nesse período. Dentre os tradutores, destacamos José Dejalma Dezotti (2002) e Agostinho da Silva (1906-1994), que expandiram as traduções em português no Brasil de peças clássicas, ainda que as traduções de Agostinho estejam mais próximas do português europeu. Agostinho realça as dificuldades em traduzir alguns elementos próprios do texto original, como jogos de palavras e frases ambíguas que trazem comicidade ao texto. Além disso, fala sobre os fatos e costumes da época que precisam ser trazidos para uma língua moderna, por vezes não encontrando correspondentes.

Já Dezotti, com suas traduções para leituras dramatizadas no âmbito das atividades do *Grupo Giz-en-Scène*, se destaca dos demais tradutores, pois tem como finalidade a encenação para o público, além do diferencial da tradução em prosa. De acordo com Alvarez (2019), esta é a primeira vez que as comédias de Plauto foram traduzidas para performance.

O estilo de tradução de Dezotti é novo quando se trata do estilo linguístico, justamente por necessitar de uma proximidade de fala com o público que assistiria às encenações das peças. As traduções de Dezotti influenciaram nosso trabalho pela proximidade com o público, trazendo-o para o contexto do texto original, possibilitando-nos, assim, acrescentar ou alterar nomes de deuses ou excluir o que foi considerado dispensável e que não faria sentido no contexto alvo, como no caso dos marcadores discursivos e interjeições, que ora são substituídos por equivalentes ludovicenses, ora são suprimidos. A invocação de um ser divino que pode interferir no destino ou ajudar a personagem que fala, por exemplo, substituímos por santos ou exclamações dirigidas

ao divino como *Meu Deus! e Céus!*.

TERAPONTÍGONO: *Pro Juppiter!* (Página 102, verso 655)

TERAPONTÍGONO: Meu Deus do céu!

Durante o processo de recriação de Gorgulho em português ludovicense, consultamos diversas traduções de Plauto, levamos em consideração também as “traduções universitárias”, textos de natureza acadêmica que visam, de acordo com Duarte (2016), a exatidão de sentido e não propriamente os descaminhos da forma. Neste presente trabalho optamos por seguir as propostas de Dezotti (2002), Pompeu (2014) ⁴e Meira (2017), levando em conta os fatores socioculturais que influenciam nossas escolhas linguísticas, como as diferenças etárias e de classes sociais, pois estas também definem o falar das personagens de Plauto. Servimo-nos, ainda, de pesquisas do Projeto ALiMa (Atlas Linguístico do Maranhão) da Universidade Federal do Maranhão para termos parâmetros do falar característico da cidade.

2.1 Características da presente tradução

Entendemos que o processo de tradução é um trabalho custoso e difícil, que requer muita atenção do tradutor aos detalhes e contextos de fala, exige visitas e revisitações ao texto e às outras traduções disponíveis, para que não se perca o sentido e o ponto de vista do autor original. Tratando-se da tradução de um texto de Plauto, da qual o objetivo principal é reproduzir o estilo jocoso e diversos jogos de palavras presentes no texto original, nosso trabalho é ainda mais árduo. Nosso desafio é, pois, recriar os traços característicos da língua dinâmica de Plauto e explorar os diversos recursos dos quais ele se apropria para trazer a comicidade e naturalidade ao texto, como a ambiguidade e coloquialidade, além de mostrar uma alternância entre estruturas de um latim vulgar e de um latim mais literário.

Vale ressaltar que, tanto para Delisle (2002) como para Pym (1998), o tradutor carrega em si representações simbólicas de sua sociedade; por conseguinte, conhecer esse sujeito permite uma interpretação e compreensão mais corretas das obras

⁴ POMPEU, A.M.C. 2014. *Dioniso Matuto. Uma abordagem antropológica do cômico na tradução de Acarnenses de Aristófanes para o cearensês*. Curitiba: Editora Appris).

traduzidas. O tradutor entende o referencial de diferentes personalidades com diferentes contextos (social, econômico, geográfico,...) e como se comportam na sociedade atual, estabelecendo assim uma ligação das personagens do texto original e suas camadas com estereótipos atuais, assim como tentamos estabelecer na nossa tradução.

O conceito de “tradução”, ainda que, de certo modo, seja uma indefinição, esta tradução, nas palavras de Vermeer (1996, p. 46), passa, necessariamente, pela interpretação do texto em uma dada situação, o que seria dizer que ela não está atrelada tão somente ao significado, mas também ao sentido apurado no texto-fonte, ou seja, “ao sentido do texto-em-situação”, dentro de um contexto social. Por isso, alguns trechos da presente tradução foram mantidos com o sentido original, por não haver correspondente de sentido na língua alvo, ou por perderem seu sentido quando inseridos no contexto atual, como, por exemplo, quando no texto original se faz referência a “vinhos quentes”, e optamos por traduzir por “cachaça” ou “pinga”, ou a lugares como praças públicas antigas que são citadas que substituímos por lugares populares da vida ludovicense atual.

Como a tradução “[...] é um ato sempre inacabado, a ser refeito” (GAMBIER, 1994, p. 415), ela está aberta a novas perspectivas e, pelo fato de sempre estar em processo “progressivo”, não poderá ser considerada definitiva, pois as traduções são menos perenes que os originais e toda obra, segundo Berman (2002), autoriza uma infinidade de traduções.

As traduções anteriores tendem a complementar as novas, como se fosse adicionado a elas “mais um tijolo no complexo mosaico de interpretações do original, em um movimento de idas e vindas” (MILTON, 2003, p. 10), como se despertassem, nas palavras de Berman (2002, p. 21), as “possibilidades ainda latentes e que só ela [a tradução], de maneira diferente da literatura, tem o poder de despertar”.

Nesse sentido, considerando que a tradução está a serviço de um público específico, de uma cultura específica, de uma determinada época e correspondendo a determinadas normas, Collombat (2004, p. 13) resume a ideia: “E se a época muda, se os leitores mudam, a tradução – que não é senão um vetor de circulação da compreensão do texto original – deve também mudar”.

Em outras palavras, uma nova tradução não é, obrigatoriamente, consequência de velhas traduções anteriores ou de certo modo de modificações preferências do gosto do público, contudo pode ser, um melhoramento das traduções anteriores.

3. As bases da nossa tradução

Nossa tradução tem como proposta a acomodação de Curculio (Gorgulho), de Plauto, no português ludovicense e está baseada na ideia da tradução como recriação linguística da obra original. Ideia essa que se baseia em postulados de Humboldt (1992) e Larson (1998) e não tem como intuito necessariamente encontrar as mesmas palavras e estruturas do texto-fonte, mas repensar uma linguagem que traga fluidez ao texto e seja natural ao público leitor, com elementos e estruturas condizentes com o falar ludovicense de diferentes círculos sociais e faixas etárias. Cada personagem e suas características foram pensadas na presente tradução e suas falas adaptadas à realidade linguística observada em São Luís do Maranhão.

Assim, como os diferentes contextos influenciam na dinâmica da fala e trazem especificidades aos registros linguísticos, é natural observarmos diferenças entre, por exemplo, a fala de Fédromo e do parasita Gorgulho, em que são atestadas expressões e gírias das diferentes esferas sociais em que estão inseridos, como nos versos de 290 a 294 nos quais temos a referência a “*vinhos quentes*” e, como não se é comum beber vinhos quentes na cultura ludovicense, traduzimos por “*pinga*”, uma bebida popular e mais conhecida e que traz o mesmo intuito original. No verso 295 temos “*Ex unoquoque eorum exciam crepitum polentarium.*”, cuja tradução literal é “*Se eu encontrar com cada um desses, faria sair barulho dos comedores de polenta.*”, optamos por trazer palavras de uso popular, resultando em “*se eu esbarrar com eles, vou fazer esses comedor de polenta se peidare tudo*”, destacando também a não marcação do plural no substantivo, característica da fala cotidiana.

Segundo Campos (1986), as traduções podem ser integrais ou parciais. Nesse sentido, tendo em vista que o latim de Plauto traz bastantes elementos da fala vulgar do dia-a-dia dos cidadãos romanos do fim do século III e início do século II a.C. e está inserido num contexto totalmente diferente do nosso e distante do português ludovicense, não traduzimos alguns elementos e estruturas, ora por não termos um correspondente na língua alvo ora por esse procedimento ter sido considerado mais adequado à situação de fala de alguma personagem. Vale ressaltar que nos textos de Plauto tem-se traços da língua literária e de registros mais formais, além da linguagem coloquial destacada.

A tradução por si só já é um desafio, mas quando se pensa na tradução não

apenas como forma de verter palavras de uma língua para outra, mas também sentido e contexto, o trabalho do tradutor torna-se muito mais profundo. Esta proposta de tradução visa não somente transpor a obra de Plauto para língua portuguesa, mas também objetiva trazer para a realidade do leitor o sentido apurado no texto-fonte, ou seja, apontar o contexto social e as ideias por trás de cada fala.

A recriação da obra através da tradução difere das anteriores, pois foca na reprodução dos coloquialismos presentes em Plauto, servindo-se para isso de um registro linguístico regional. Há, portanto, a necessidade da investigação de elementos socioculturais ludovicenses que possam ser conciliados com o intuito original do autor, para que o leitor possa captar os jogos de palavras e piadas inseridos em sua realidade, buscando, assim, uma adaptação natural ao estilo de Plauto. Esses elementos traduzidos no texto foram pensados de acordo com a cultura ludovicense, levando-se em conta que o tradutor se torna também autor do texto no processo.

No decorrer da passagem do texto original para o português ludovicense, percebemos que são frequentes os casos em que não é possível manter a estrutura e o léxico originais, sob pena de se perder o sentido, o que exige do tradutor uma acomodação dos conteúdos semânticos em estruturas morfossintáticas totalmente diferentes daquelas do texto de partida, mas que exprimem sentidos equivalentes.

Nos casos das referências a deuses, heróis e outros elementos da cultura romana encontradas ao longo do texto, como Pólux, Hércules e Júpiter (*Polux, Hercle, Iuppiter*), lançamos mão de marcadores discursivos e interjeições ludovicenses correspondentes. Assim, nomes de santos católicos substituem, em nossa tradução, os deuses e heróis romanos, ainda que não haja sempre uma equivalência exata entre estes e aqueles relativamente às características e atribuições. *Esculápio*, por exemplo, foi substituído por *São Rafael*, tendo em vista que Esculápio era considerado o deus da medicina na sociedade romana, uma figura divina à qual as pessoas pediam milagres relacionados à saúde, assim como hoje, entre brasileiros católicos, se faz o mesmo apelo a São Rafael, santo católico que é considerado o santo que cura e cuida dos enfermos.

Terapontígono: Isso nem era a vontade dele.

Dá graça a São Rafael que tu ainda é pura.

Pois se ele tivesse uma saúde boa, já teria te dado pra qualquer um.

Terapontígono: *Haud voluntate id sua.*

Aesculapio huic habeto, quom pudica es, gratiam.

Nam si is valuisset, iam pridem quoquo posset mitteret. (v. 698-700)

Estudamos e pesquisamos, desse modo, não só a morfossintaxe, mas os sentidos e sua contextualização, em busca da melhor via de entendimento para os leitores e espectadores, aproximando o texto da realidade do público-alvo através de elementos religiosos e históricos.

4. Nosso processo de tradução

A concepção de tradução como recriação apresenta reflexos na metodologia do trabalho. Apoiado em Humboldt (1992) e Larson (1998), Meira (2016) observa que “o primeiro passo para a recriação é compreender o significado e em seguida transpô-lo para a língua alvo com a estrutura e as palavras adequadas, que não serão, necessariamente, as do texto original”.

Ao recriarmos a peça *Gorgulho* em português ludovicense, primeiramente procedemos a uma tradução literal, palavra por palavra, para apreender o sentido dos enunciados, e, em seguida, acomodá-lo na estrutura do falar ludovicense, explorando sua morfossintaxe e seu expressivo acervo lexical. Assim, um enunciado como *Periisse ut te dicas* (*Gorgulho*, 130), por exemplo, diz, literalmente “Que digas teres morrido”, porém sua acomodação na fala maranhense não terá a mesma estrutura morfossintática, nem os mesmos itens lexicais. No texto fonte, a personagem sugere que seu interlocutor diga que está perdido, que se encontra em situação delicada. Por conseguinte, uma acomodação adequada em nosso falar seria “Diz que tu tá ferrado”.

Sempre que, no texto antigo, aparecem elementos da cultura greco-latina, cuja manutenção no texto recriado o tornaria distante do público alvo, procedemos a sua supressão ou sua substituição por elementos correspondentes de nossa cultura. A interjeição *Edepol*, por exemplo, dirigida a *Polux*, dióscuro gêmeo de *Castor* na mitologia greco-romana, ora é suprimida, ora substituída por uma correspondente maranhense, quando o contexto assim o permite: “por Deus”, “Juro por Deus”, “Pode crer” etc. O mesmo procedimento foi adotado em relação à interjeição *Herclé*, muito recorrente no texto e dirigida ao herói *Hércules*. Todas as intervenções feitas no texto – supressões, acréscimos ou substituições – são acompanhadas de notas de rodapé que explicam e

justificam cada procedimento adotado.

5. Referências bibliográficas

- BRASIL: Ministério da Educação. 2000. **Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio):** parte II (Linguagens Códigos e suas Tecnologias). CAMPOS, G. 1986. O que é Tradução. São Paulo: Brasiliense.
- DE CASTRO RODRIGUES, Renan; BARRETO ALVAREZ, Beethoven. **Plauto brasileiro:** breve história das traduções da comédia plautina no Brasil. PUCRioRev: 48195, 2019.
- DELISLE, Jean. **História da tradução:** sua importância para a tradutologia, seu ensino através de software multimídia e multilíngue. Tradução de Fernando Afonso de Almeida. In: Gragoatá – Revista de Pós-Graduação em Letras – UFF, n. 13, 2º Semestre/2002.
- FARIA, E. Gramática superior da língua latina. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.
- FARIA, E. 1962. **Dicionário escolar latino-português.** 32. ed. Rio de Janeiro.
- GAFFIOT, F.1934. **Dictionnaire Latin Français.** Paris: Hachette. HUMBOLDT, W. 1992. **“From Introduction to his Translation of Agamemnon”.** In:
- MEIRA, E. R. 2016. **A Comédia Greco-Latina em Português Brasileiro.** Projeto de pesquisa em execução no Departamento de Letras desde 2016 (Resolução de aprovação 1500).
- MORENO, S. **Ecos e Reflexos:** A construção do Cânone de Augusto e Haroldo de Campos a partir de suas concepções de tradução. Campinas: Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, 2001.
- OXFORD. 2012. **Oxford Latin Dictionary.** Oxford University Press. Edição de Plauto: PLAUTE. (Sem data). **Théâtre: Captivi – Casina – Cistellaria – Curculio – Epidicus.** Texte établi d’après NAUDET, avec introduction, notice et notes par Henri Clouard. Tome deuxième. Paris: Garnier.
- POMPEU, A.M.C. 2014. *Dioniso Matuto. Uma abordagem antropológica do cômico na tradução de Acarnenses de Aristófanes para o cearensês.* Curitiba: Editora Appris).
- PYM, Anthony. **Method in Translation History.** Manchester, UK: St. Jerome Publishing, 1998. REISS, Katharina. Teorías Específicas. In: VERMEER, Hans J.; REISS, Katharina. In: Fundamentos para una teoría funcional de la traducción. Tradução de Sandra García Reina e Celia Martín de León. Madri, Espanha: Akal, 1996. 107-188.
- SHULTE, R; BIGUENET, J. (16ditors) **Theories of Translation:** an anthology of essays from Dryden to Derrida. Chicago e London: The University of Chicago Press, p. 55-59.
- VACONCELLOS, p. S. de. Efeitos intertextuais na Eneida de Virgílio. São Paulo:

Humanitas, 2001.

APÊNDICE

ARGUMENTO

Gorgulho foi mandado por Fédromo para a Cária para pedir dinheiro. Lá ele rouba o anel do rival, Escreve uma carta e sela [com o anel]. Lico reconhece o selo militar, logo quando vê. Para que ele liberasse uma amante, pagou ao cafetão. O soldado processa Lico e o cafetão, e acaba descobrindo que a garota por quem ele morria de amor é sua irmã. Então suplicou e deu ela em casamento para Fédromo.

ATO I

PALINURO: ESCRAVO

FÉDROMO: JOVEM

PA: Pra onde tu tá indo essa hora da noite
todo emperquitado assim, Fédromo?

FE: Onde Vênus e Cupido mandam e o Amor aconselha;
Ou no meio da noite ou de tardezinha,
Mesmo se tiver encontro marcado com um estrangeiro, **5**
É preciso ir, mesmo contra vontade;

PA: Enfim, enfim...

FE: Tu tá me irritando.

PA: Tu tá achando isso bonito? Tu é teu escravo, elegante segura a vela.

FE: E por acaso eu num levaria pro meu doce melzinho? **10**

PA: Posso saber pra onde tu tá indo?

FE: Se tu me perguntasse, eu te diria.

PA: Se eu insistisse em perguntar, o que tu diria?

FE: Esse é o templo de São Rafael.⁵

PA: Isso eu já sei há mais de um ano.

FE: Próximo daquilo tem uma porta tão querida pros meus olhos. **15**

Oi! Como tem passado, porta fechadíssima?

PA: Tu deu febre ontem ou anteontem? Tu comeu direito ontem?

⁵ No texto original há menção a Esculápio, considerado o deus da medicina na mitologia romana, aqui foi substituído por São Rafael, que é considerado o santo padroeiro dos enfermos, no catolicismo.

FE: Tu tá tirando uma com minha cara?

PA: Por que tu tá perguntando se a porta vai bem, seu doido?

FE: Eu nunca vi, por Cristo, uma porta mais bela e discreta. **20**

Nunca faz barulho, quando é aberta fica caladinha;

Quando de madrugada a mulher vem me encontrar às escondidas, fica calada.

PA: Por acaso tu anda fazendo ou tentando fazer algo que seja vergonhoso pra ti ou pra tua família, Fédromo?

Por acaso tu tá preparando cilada pra alguma mulher honrada **25** ou que tenha que ser honesta?

FE: De jeito nenhum, Deus não me permite.

PA: Também acho.

Assim, orienta sempre teu amar,

Com sabedoria, pra caso o povo venha saber.

Cuidado sempre pra que tu não fique sem testemunha.

FE: O que tu tá querendo dizer?

PA: Pra que tu aja com cuidado.

Quem quer que tu ame, ame com testemunha. **30**

FE: Aqui mora uma cafetã.

PA: Ninguém tá proibindo de comprar o que se vende, Se tu tem dinheiro.

Ninguém pode proibir alguém de andar pela rua. **35**

Desde que tu num pule cerca,

Desde que tu te afaste de mulher casada, viúva, virgem, moça

E meninos livres⁶, fora esses, pega quem tu quiser.

FE: Essas casa aqui são do cafetão.

PA: Que desabe!

FE: Que...

PA: Porque servem pra algo errado. **40**

FE: Continua me interrompendo mesmo...

PA: Pode deixar!

FE: Tu ainda num te calou?

⁶ No texto original, tem-se *pueris liberis*, que seriam jovens do sexo masculino considerados livres, ou seja, não escravos e que não pertenciam a “senhor” algum.

PA: Mas tu me mandou te interromper.

FE: Pois agora eu tô proibindo.

Como eu tava dizendo, ele tem uma criadinha.

PA: Tu tá falando do cafetão que mora aqui, né?

FE: Tu entendeu.

PA: Pelo menos num vou ter medo de que ele fuja.

FE: Tu é um mala sem alça. **45**

O cafetão quer fazer dela uma rapariga;

Ela tá caidinha de amor por mim,

Só que eu num quero que seja assim não.

PA: E por quê? **50**

FE: Porque eu tô querendo que ela seja minha.

Eu amo ela do meu jeito.

PA: Amor proibido é malzão, é puro desgosto.

FE: Pelo amor de Deus, é assim mesmo como tu tá dizendo.

PA: Ela já se entregou pra ti?

FE: Da minha parte, ela é tão pura que é quase uma irmã,

A não ser que se alguém por beijar seja impuro.

PA: Tu sabe que onde tem fumaça, tem fogo.

Nada é queimado pela fumaça, mas pelo fogo. **55**

Quem quer comer o bago⁷, quebra a noz.

Quem quer fazer amor, abre o caminho com beijos.

FE: Mas ela é pura e não se deita com nenhum homem.

PA: Eu até acreditaria nisso, se os cafetões tivessem vergonha na cara.

FE: Mas o que é tu tá pensando dela?

Assim que ela pode vir me ver, quando me tasca um beijo,

Foge logo. **60**

Isso acontece porque esse cafetão aqui,

Que passa o tempo todo doente no templo de São Rafael⁸,

Ele me faz passar raiva.

⁷ Bago conhecido também como o núcleo da noz, por isso a referência na sentença seguinte com “quebra a noz”.

⁸ No texto original, há menção a Esculápio, então substitui-se por um “ser divino” com atributos semelhantes;

PA: Como assim?

FE: Uma hora ele pede 30 conto por ela,

Outra hora pede muito mais;

E nem posso obter dele quer seja de justo e de bom.

PA: Tu tá errado, tu que pediria o que nenhum cafetão tem, isso é o que tu tá pedindo.

65

FE: Agora enviei daqui meu parasita pra Cária pra pedir dinheiro emprestado de um amigo meu.

Dinheiro esse que se ele não trouxer, não sei o que vai ser de mim.

PA: Se tu quiser pedir pra algum santo, acho que é aqui à direita. **70**

FE: Há um altar de São Valentim⁹diante da porta dos santos;

Fiz uma promessa de oferecer a São Valentim uma refeição.

PA: O quê? Será que tu te colocaria como refeição pra São Valentim?

FE: A mim, a ti e a eles aqui tudinho.

PA: Ah, então... Tu quer que São Valentim vomite.

FE: Pega aí, piqueno, a jarra.

PA: O que é que tu vai fazer? **75**

FE: Já já tu vai saber

Aqui costuma ficar deitada uma velha que guarda a porta.

O nome dela é Lena – ela bebe muito vinho.

PA: Como se tu dissesse uma garrafa de vinho onde o vinho bom costuma ficar.¹⁰

100

FE: Por que são necessárias palavras? Ela é louca por vinho; **80**

Assim que eu chego e respingo na porta, ela já sabe que eu cheguei pelo cheiro e abre a porta bem na hora.

PA: É pra ela essa jarra de vinho?

FE: Se tu não tiver nada contra.

PA: Eu tenho. Pois eu quero que tu te lasque porque eu pensei que o vinho era pra gente.

FE: E por que tu num te cala?

⁹ No texto original, faz-se menção a Vênus, considerada a deusa do amor e dos relacionamentos. Na tradução, optei por substituí-la por São Valentim, um santo católico considerado o santo padroeiro dos jovens casais e de noivos apaixonados.

¹⁰ No texto original, tem-se “*Ubi vinum Chium solet esse*”, que literalmente seria “onde o vinho de Quios costuma ficar”. Quios é uma ilha grega, situada no Mar Egeu.

Se algo a mais for pra ela, isso é suficiente pra gente. **85**

FE: Me segue por aqui até a porta, Palinuro; Me obedece.

PA: Tá bom.

FE: Vamos lá, beba, agradáveis portas, enche a cara, se façam bondosas e favoráveis para mim.

PA: Vocês também não querem azeitonas, presuntos e alcaparra? **90**

FE: Acorda aí tua guardiã pra mim.

PA: Derramando o vinho; Que é que tu tem?

FE: Me deixa. Tu vê como se abrem essas portas de que eu gosto tanto?

Por acaso a dobradiça faz barulho? É graciosa.

PA: Então por que tu não beija ela? **94**

FE: Cala a boca! Vamos esconder a luz e ficar em silêncio.

PA: Tá bom. **95**

LENA: VELHA

PALINURO: ESCRAVO

FÉDROMO: JOVEM

LE: Chegou no meu nariz um cheiro de vinho velho;

O amor pelo vinho me empurra desejosa pra cá pela escuridão.

Onde onde tá, perto de mim tá. Oh! Achei!

Ei, minha vida, minha delícia de Baco.¹¹

Como eu aprecio a respeitável velhice!

O cheiro de todas as essências diante do teu cheiro é como cheiro de privada.

Tu é pra mim perfume; tu é rosa, canela, açafão. **100**

Onde tu foi derramado, ali eu desejaria ser sepultada.

Já que até agora só chegou o cheiro até meu nariz, **105**

Dá a minha garganta prazer.

Nada faço contigo; cadê a jarra? É em ti que eu quero pegar, e

Quero beber teus líquidos sem respirar, jarra.

Ele foi por aqui, por aqui então vou atrás.

FE: Esta velha está com sede, hein?!

PA: Só um pouco, né?

¹¹ O texto original se refere ao deus Baco, conhecido na mitologia grega por Dionísio, considerado uma figura boêmia e festiva, deus do vinho. Não há uma aproximação óbvia de uma entidade religiosa que lembrasse o deus Baco.

FE: É moderada, ela toma umas dez garrafa.

PA: Como tu tá dizendo, a safra de uva desse ano não dá pra essa velha sozinha.

110

Seria mais conveniente ela ser cachorro, já que ela tem um nariz bom tão apurado.

LE: Por favor, de quem é essa voz que dá para ouvir de longe?

FE: (Falando baixo para Palinuro) Eu acho que tenho que chamar essa velha. Eu vou lá.

(Agora alto) Lena, volta e olha pra mim.

LE: Quem é que tá mandano?

FE: O deus da bebida¹², que para ti que tá tossindo, tá seca e meio-adormecida, traz bebida e vai acalmar tua sede. **115**

LE: A que distância ele tá de mim?

FE: Olha pra essa luz.

PA: Chega mais aqui, por favor.

FE: Salve!

LE: Por acaso eu estaria salva, eu que tô seca de sede?

FE: Já já tu vai beber.

LE: Já faz muito tempo. **120**

PA: Toma aí, velhinha¹³.

FE: Salve, queridíssimo homem!

PA: Vamo lá! Toma logo essa bebida goela a baixo, que rapidinho limpa esse esgoto aí.

LE: Cala boca! Não quero que tu diga coisa ruim pra ela.

PA: Então, ao invés de dizer, eu vou fazer.

LE: Ó São Valentim¹⁴, do pouco que eu tenho para ti darei, mas não de bom grado. Pois todos os apaixonados brindando (a saúde do seu amor) dão para ti; Como coisas assim nunca acontecem. **125**

PA: Olha como essa veia imunda vira o vinho goela abaixo;

FE: Tô lascado. Não sei o que diria primeiro pra ela.

¹² No texto original, tem-se "Vinipollens, lepidus Liber, tibi qui screanti, siccae, semisomnae adfert potionem et sitim sedatum it", que literalmente seria "O amável Baco, o senhor do vinho, que pra ti que está tossindo, está seca e meio adormecida, traz bebida e vai acalmar tua sede".

¹³ Neste caso, o termo "velhinha" traz uma conotação carinhosa, pois o original diz "amável/agradável velha".

¹⁴ Substituição semelhante à nota de rodapé de número 4;

PA: Diz o que eu te disse.

FE: E o que é?

PA: De tu tá lascado como disse.

FE: Ah, vai te lascar.

PA: Diz isso pra ela.

LE: Hmm!

PA: O que? É bom mesmo, é?

LE: É.

PA: A mim também me agrada te furar com um espeto. **130**

FE: Cala a boca! Num quero que tu maltrate ela¹⁵.

PA: Me calei! Olha, o arco-íris tá bebendo água até acho que vai chover hoje.

FE: Já posso dizer (aquilo) pra ela?

PA: O que tu vai dizer?

FE: Que tô ferrado.

PA: Vai, diz aí!

FE: Velha, me ouve! Eu quero que a sinhora saiba isto: eu, o infeliz, estou lascado.

LE: Mas eu tô muito é bem.

Mas o que é que te faz pensar que tu tá perdido? **135**

FE: Por que eu não tenho aquilo que eu amo.

LE: Meu querido Fedrominho, não chore, por favor.

Tu cuida para que eu não sinta sede e eu já vou trazer o que tu ama.

FE: Se tu mantiver tua palavra, eu farei para ti uma estátua que ao invés de ser de ouro, será de vinha. A qual será em homenagem a tua garganta **140**

(Lena entra em casa)

Quem na terra será feliz igual a mim, se ela vier me encontrar, Palinuro?

PA: Quem ama, mas tá na pindaíba, se coloca numa infeliz tribulação.

FE: Não é bem assim a coisa; Tenho certeza que o parasita vai chegar hoje com dinheiro para mim.

PA: Tu tá querendo muito, esperando coisa onde não tem.

FE: O que que tu acha de eu me aproximar da porta e fazer uma serenata?

¹⁵ No texto original, tem-se apenas o verbo “nolo”, que significa “não quero”. Fica subentendido que Fédromo não quer que Palinuro machuque Lena.

PA: Se te agrada, eu num concordo, nem discordo, já que tô te vendo de costume e personalidade mudada, patrão. **145**

FE: Ferrolhos, ei ferrolhinhos, eu comprimento vocês com prazer.

eu amo vocês, eu gosto de vocês, eu peço a vocês e suplico:

Façam a vontade desse amante aqui, meus queridos.

Que vocês dançam para mim que nem esses dançarinos estrangeiros, **150**

Por favor, que vocês saltem de alegria e deixem sair a minha amada

que bebe até a última gota de sangue desse amante infeliz.

Vê só como dormem esses desgraçados desses ferrolhos,

nem por mim se movem!

Tô vendo agora que vocês não ligam em nada/ não se importam nem um pouco com a minha felicidade. **155**

Te cala aí, te cala aí.

PA: Pronto, me calei.

FE: Tô ouvindo um barulho/ruído.

Finalmente os ferrolhos são doces p/ mim.

LENA: VELHA

PLÁNESIA: JOVEM

PALINURO: ESCRAVO

FÉDROMO: JOVEM

LE: Querida Planésia, sai devagar e evita fazer barulho com as portas e o rangido das dobradiças,

Para que o patrão não veja o que a gente tá fazendo aqui.

Espera, vou derramar uma aguinha nelas.

PA: Tu tá vendo como essa velha trêmula sabe praticar medicina? **160**

Ela sabe muito bem beber vinho; Lá fora ela só dá água pros outros beber.

PL: Onde está tu que me convocou pros altares de São Valentim¹⁶,

Eu me apresento a ti e te peço que tu se apresente também.

FE: To aqui! Pois se não estivesse, eu não recusaria o castigo, minha gatinha.

PL: Minha vida, não é bom que o amante fique longe (de sua amada). **165**

FE: Ei Palinuro, ô Palinuro!

PA: Que é que tu quer com Palinuro?

FE: (Ela) é linda!

PA: Linda demais!

FE: Eu sou um deus.

PA: Ao contrário, tu é homem e nem presta muito.

FE: De tudo que tu olhou ou vai olhar que se compara aos deuses? (Ela)

PA: Eu tô vendo é que tu vai mal; o que me preocupa.

FE: Tu não me entende mesmo. Cala a boca aí!

PA: O homem que ama o que vê, mas não possui, se tortura, enquanto é possível.

170

FE: Me culpa com razão. Não há nada que eu deseje mais profundamente há tanto tempo.

PL: Então me pega, me abraça.

FE: É por causa disso que ainda quero viver;

Já que [teu] dono te proíbe, a gente se encontra sem ele saber.

PL: E ele proíbe, é? Ele não pode proibir, nem proibirá.

A não ser que a morte me separe de ti.¹⁷

PA: Na verdade, não posso ficar muito tempo sem criticar meu dono. **175** Pois amar um pouquinho é bom, mas amar loucamente não é bom:

E se entregar totalmente ao amor é loucura, que é o que meu dono está fazendo.

¹⁶ Santo que se utiliza na peça como “santo do amor e dos jovens casais”, equiparando-se à Vênus, a deusa citada no texto original, que era considerada a deusa do amor.

¹⁷ O texto original, traz “*nisi mors meum animum aps te abalienaverit*” que literalmente seria “a não ser que a morte separe minha alma de ti”.

FE: Que os reis guardem para si seus reinos, e os ricos suas riquezas, para si as honrarias, para si as façanhas, para si as batalhas; para si os combates;

Desde que não me invejem, que guardem para si tudo o que é seu. **180**

PA: Qual é a tua? Tu fez um voto de fazer uma vigília pra São Valentim, Fédromo? Daqui a pouco o dia amanhece.

FE: Cala a boca!

PA: Eu me calar? Por que tu não vai dormir?

FE: Tô dormindo. Para de me azucrinar.

PA: Tô vendo que tu tá é acordado.

FE: Tô dormindo do meu jeito. É assim que é meu sono.

PA: Ei tu aí, mulher, é um absurdo tu fazer mal a quem não tem culpa. **185**

PL: Tu ia te zangar.

PA: Não tem jeito!

Tô vendo que esses dois tão morrendo de amores. Tão doidinhos um pelo o outro!

Tão vendo como eles tão se matando por isso? Mal conseguem se abraçar.

(Ele está se colocando entre os dois) Vem cá, vocês num vão se desgrudar, não?

PL: Não há o bem eterno para ninguém (literalmente).

tudo o que é bom dura pouco.

Agora essa peste veio se intrometer na nossa alegria.

PA: O que que tu tá dizendo, sua ordinária? **190**

E tu ainda me chama de peste com esses oião ¹⁸de coruja, sua bêbadazinha inútil?

FE: Por acaso tu tá xingando minha deusa¹⁹?

Um escravo desses, saco de pancada, quer mesmo dar uma lição de moral comigo aqui? Mas tu vai pagar pelo que tu falou.

¹⁸ Olhão/Olhões.

¹⁹ Ele refere-se a Planésia como Vênus, fazendo referência à beleza delas.

(Ele bate no escravo)

Toma por tua boca suja, para que tu controle o que diz. **195**

PA: (Se dirige a Planésia) me ajuda aqui, deusa!

FE: E tu ainda continua, seu sem-vergonha?

PL: Não bate nessa peda ²⁰não, se não tu vai perder a mão.

PA: Tu tá armando maior vexame e barraco, Fédromo;

Tu machuca com armas quem te aconselha bem, e só quer amar essa ordinária;

Mas num é capaz ²¹que aconteça de modo que tu te comporte sem pensar? **200**

FE: Traz pra mim um amante controlado aí. Que te pago com ouro.

PA: Traz pra mim um patrão que te pago com estanho, um que tenha juízo pra eu servir.

PL: Fique bem, meu docinho! Porque tô ouvindo o som e o estalo dos fêrrinhos. O guarda tá abrindo o templo. Me diz até quando a gente vai ter que ficar se encontrando às escondidas? **205**

FE: Fica fria aí! Pois mandei o meu parasita há 3 dias pra Caria pra pedir dinheiro. Hoje mesmo ele chega.

PL: Tu tá moscando muito aí.

FE: Que Deus me ajude²², pra que em três dias eu te tira dessa casa.

PL: Faz de modo que tu te lembres. Toma um beijo antes que eu saia daqui. **210**

FE: Por Deus, olha que se alguém me desse um reino eu ainda ia preferir o teu beijo²³. Quando eu vou te ver?

PL: Presta atenção! Com essa palavra prepara o resgate.

²⁰ Pedra.

²¹ “Mas não é capaz” é uma expressão maranhense que pode ser entendida por “é possível que” ou “não é possível que” dependendo do contexto.

²² No texto original, faz-se referência a Vênus. Desse modo, substitui por uma expressão que trouxesse o apelo a uma divindade, que fosse usada no português de forma recorrente.

²³ No texto original, tem-se literalmente “se pois alguém me desse um reino, eu de preferência não o seguiria”.

Se tu me ama, compra! Não fica só perguntando, faça de maneira que tu vença teus concorrentes com tua oferta.

Passar bem!

FE: Ela já tá me deixando? Isso me acaba, Palinuro.

PA: Eu que o diga, hein? Eu que morro sendo surrado e de sono.

FE: Ela já tá me deixando? Isso me acaba, Palinuro.

PA: Eu que o diga, hein? Eu que morro sendo surrado e de sono.

FE: Me segue. **215**

CAPADÓCIO: ALCOVITEIRO

PALINURO: ESCRAVO

CA: Tá decidido que vo mimbora desse templo já que tô percebendo o sentimento de São Rafael, que me faz um nada e tá se lixando pra minha saúde.

Minhas energias tão diminuindo, e o cansaço aumentando.

Já tô andando com minhas tripa tudo inchada²⁴. **220**

Parece que tô com gêmeos na barriga.

Não temo nada a não ser explodir.

PA: (Saindo da casa de Fédromo)

Se tu fizesse as coisas direito, Fédromo, tu me dava ouvidos, e afastava esse desgosto de tua mente.

Tu tá com medo, porque o parasita ainda não voltou da Caria. **225**

Eu acho que ele tá trazendo o dinheiro.

Pois se ele não trouxesse, (com a fome que tá) não poderia ser contido por correntes que não se retirasse pra cá pra comer na sua coxeira.

CA: Quem é esse que tá falando?

²⁴ Se traduzido literalmente, tem-se “Como se cingido com um cinto baço eu ando”.

PA: De quem é a voz que tô ouvindo?

CA: Num é Palinuro (o escravo) de Fédromo?

PA: Quem é esse outro **230** com um buxo de papa despacho e com os óio verde?

Quanto à forma eu reconheço, não posso reconhecer pela cor.

Agora reconheço, é o alcoviteiro, Capadócio.

Vou para perto dele.

CA: E aí, Palinuro?!

PA: Ê, malandro! Bom dia! Como é que tu tá?

CA: Tô vivo.

PA: Naturalmente como tu merece. O que é que tu tem? **235**

CA: O baço tá me matando, os rins me doem

meus pulmões tão se acabando, tô sofrendo com o fígado

meu coração tá quase parando, minhas tripas tudo doem.

PA: Então, com certeza, essa doença do fígado te persegue.

CA: Tô sofrendo com o baço²⁵.

PA: Anda; isso é ótimo pro baço. **240**

CA: Fácil é tirar sarro de um miserável.

PA: Pois aguenta alguns dias até que teu intestino apodreça.

Aí já vai tá bom para salgar. Se tu fizer isso, tu inteirinho vai ser vendido mais barato do que teus intestino.

CA: Retira essas besteiras que tu tá falando e responde o que tô te perguntando: **245**

Tu pode explicar para mim se eu te contar o que sonhei a noite?

²⁵ O sentido do fragmento é incerto.

PA: Ah! Tem só um homem que sabe das coisas divinas.

Os adivinhos vem é me pedir conselho.

O que eu respondo pra eles, eles cumpre tim-tim por tim-tim. **250**

Cozinheiro

Palinuro: escravo

Capadócio: alcoviteiro

CO: Palinuro, que é que tu tá parado aí? Por que tu não traz pra mim as coisa que eu preciso pra fazer o cumê do parasita, condo ²⁶ele vier?

PA: Espera aí, por favor! Enquanto interpreto um sonho pr' esse aqui.

CO: Tu mermo quando sonha vem contar é pra mim.

PA: Num nego.

CO: Vai logo, traz as coisa aí.

PA: Enquanto isso conta este sonho para ess'aqui. **255**

Tá aqui para ti um melhor do que eu.

Tudo o que eu sei, é dele que eu sei.

CA: Tomara que ele me dê atenção.

PA: Ele vai dar.

CA: Ele faz o que poucos faz. Ele obedece o chefe.

[Será que tu podia] ²⁷me dar um pouco de atenção?

CO: Embora eu não saiba disso aí²⁸, vou te dar atenção.

²⁶ Quando.

²⁷ "Será que tu podia" não aparece no texto original, a frase em latim é "*Da mi igitur operam*" que pode ser traduzida por "dá atenção para mim". O acréscimo torna a fala mais expressiva.

²⁸ A frase em latim é "*Tam etsi non novi*" e pode ser interpretada como "não te conheço" ou "não sei sobre isso". Nesta tradução, opta-se por "embora eu não saiba disso aí", tratando-se do assunto na conversa. Enunciados pouco claros.

CA: Rapaz, ontem a noite eu sonhei com São Rafael e me parecia que ele tava sentado longe de mim. **260**

Ele pareceu nem se aproximar de mim, nem se importar comigo.

CO: É claro que os outros ²⁹santo vão fazer o mesmo.

Com certeza, eles vive tramando tudo entre eles.

Não é pra tu te espantar se não tem nada melhor pra tu. **265**

Então seria melhor tu dormir na casa de Deus³⁰.

Que já te ajudou na tua promessa.

CA: Se for colocar todo mundo que já perjuro ali não vai ter nem espaço.

CO: Escuta aqui: vai pedir misericórdia pra São Rafael **270**

Para que não aconteça contigo a coisa ruim que tu sonhê.

CA: Verdade! Vou e vô pedir mesmo!

CO: [falando consigo mesmo] Tomara que tu te lasque!

< Palinuro > Virgi Maria³¹, quem é que eu tô olhando? ³²Quem é aquele ali? Não é o parasita que a gente mandou lá pra Caria? **275**

Olha aqui, Fédromo! Vem, vem, vem! Ligêro!

FE: O que é que tu tanto grita aí?

PA: Eu tô vendo teu parasita correndo, olha ele ali d'outro lado da praça! Vamo olhar daqui o que ele vai fazer.

FE: Tu tem razão!

Gorgulho: parasita

Fédromo: patrão

Palinuro: escravo

GO: Sai da frente, meu povo, rá ³³que tô fazendo meu trabalho aqui.

²⁹ Os outros.

³⁰ No texto original, remete-se a Júpiter, que era considerado o deus do dia, do céu e do trovão e o rei dos deuses na mitologia romana. É mencionado nesse trecho também ao Capitólio, que era o templo de Júpiter.

³¹ “Virgem Maria”. A tradução literal seria “pelos deuses”.

³² No falar maranhense, usa-se o verbo “olhar” com o mesmo sentido do verbo “ver”.

³³ No falar maranhense (e possivelmente em outras variantes brasileiras), é frequente a debucalização da consoante [ʒ] que passa a [h].

Sai todo mundo, se afasta aí e sai da frente. **280**

Pr'aqui eu não fira ninguém com uma cabeçada, ou uma cotovelada, ou uma peitada ou uma joelhada na passagem.

É qu'agora me deram uma tarefa urgente.

E num tem ninguém tão rico em lugar niu³⁴, que possa me barrar no caminho, nem general, nem niu tirano, nem vigilante, **285**

nem juiz, nem prefeito³⁵, nem ninguém com tanto poder, que num caia, que eu num jogue de cabeça no mei da rua.

Então esses gregozinho de roupona que andu ³⁶de cabeça coberta, que andu cum livro e cesta de comida,

eles paru³⁷, conversu ³⁸entre eles - esses escravo fugitivo³⁹ **290**

ficu tapanu a ⁴⁰passagem, ficu bem no meio,

e andu ⁴¹com a tagarelice deles.

Esses que tu sempre vê bebenu no buteco⁴².

Quando eles rouba alguma coisa, bebe a pinga⁴³, e depois cum a cabeça coberta, eles sai quase bêbado e sério.

Se eu esbarrar cum eles, vô fazer esses comedor de polenta se peidarem tudo **295**

Os escravo desses indivíduo que fica brincando na rua de jogar bola um pro outro, tudin eu vou pisá⁴⁴.

Então que fique im casa para que'vite merdas.

FE: Se ele pudesse mandar em alguém, ele seria um bom chefe.

Esse é o costume, hoje em dia, os escravos são assim agora: não têm mais jeito para controlar eles. **300**

GO: Tenhaí alguém que possa me falar onde tá Fédromo, meu gênio?

³⁴ Nenhum.

³⁵ No texto original, há referência a autoridades romanas, como tirano e pessoas que detinham poder na área da justiça: "*nec strategus, nec comarchus, nec cum tanta gloria, nec demarchus, nec comarchus, nec cum tanta gloria*". Na tradução, inseri personagens da vida brasileira moderna.

³⁶ Andam.

³⁷ Param.

³⁸ Conversam.

³⁹ Os gregos em sua maioria eram escravos fugitivos.

⁴⁰ Ficam tapando a.

⁴¹ Andam.

⁴² O texto original traz o termo "*thermipolio*", que traduzi por "boteco". Refere-se a antigos restaurantes que existiram em cidades como Pompeia e serviam bebidas e comidas quentes.

⁴³ No texto original, faz-se referência a vinhos quentes, que substituí por 'pinga'.

⁴⁴ A tradução literal seria "subjugar sob meus pés".

É urgente! Eu preciso encontrar esse homem correndo⁴⁵.

PA: (a Fédromo) Ele tá te procurando!

FE: E se a gente fosse até ele? **305** (a Gorgulho) Ei, Gorgulho, tô atrás de ti!

GO: Quem tá me chamanu? Quem tá falanu meu nome aí?

FE: Quem tá querendo te encontrar.

GO: Não mais do que quero te encontrar.

FE: Ô meu peixe, Gorgulho querido, quanto tempo, hein?⁴⁶

GO: Oi, meu paizinho!

FE: Fico feliz de tu ter chegado são e salvo; Me dá aqui tua mão.

Onde tão minhas esperanças?

Me diz, pelo amor de Deus!

GO: Me diz, te peço! E onde tão as minha?

FE: O que é que tu tem?

GO: Minhas vista tá escurecendo, meus joelho tão fraquejanu de fome.

FE: Tenho certeza que é de cansaço.

GO: Me apara, me apara ⁴⁷aqui pelo amor de Deus. **310**

FE: Vê como ele tá pálido? Traz pra ele uma cadeira rápido e uma jarra com água? Dá pra vocês irem mais rápido.

GO: Tô ruim, viu?

PA: Tu quer água?

GO: Se tiver pedaço de comida, me dá, pelo amor de Deus, que eu vou devorar. **415**

PA: Ah, disgranha!

GO: Pelo amor de Deus, faç⁴⁸eu aproveitar os ventos que me trouxe.

PA: Na hora. (Eles abanam Gorgulho)

GO: O que diabo vocês tão fazenu?

PA: Vento.

GO: Num tô querenu vento não. **315**

FE: O que tu quer, então?

⁴⁵ No falar maranhense, o gerúndio “correndo” adverbialmente com o sentido de ‘rapidamente’.

⁴⁶ Esta estrutura foi modificada da original, pois no trecho latino tem-se um jogo de ironia. Fédromo se refere a Gorgulho como “Gorgulho querido” e exalta o mesmo.

⁴⁷ *Me apara: Segura-me.*

⁴⁸ Façam.

GO: Quero comer, que aí sim vô aproveitar o vento.

PA: Vai pro diabo que te carregue.⁴⁹

GO: Tô ruim, num tô vendo nadinha
Minha boca já tá amarguinha, e tô só
engolindo saliva de fome.⁵⁰

Tô aqui com a barriga roncando de fome,
por falta de comida.

FE: Tu vai já comer alguma coisa.

GO: Não quero comer qualquer coisa. **320**

Eu quero alguma coisa que encha o bucho.⁵¹

FE: Ah! Tu nem sabe o que é que tem pra ti.

GO: Eu quero muito sabê onde tá. Meurdente ⁵²tão ansioso pra ter um encontro com
isso.

FE: Pernil, barriga, tetinha e língua de porca.

GO: Caramba! Tudo isso mermo?

Mas tá tudo na despensa, né?

FE: Pelo contrário tá é nos prato.

Tudo isso foi feito pra ti, depois que a gente soube que tu tava pra chegar.

GO: Ê num vem tirar minha cara pra palito não.⁵³ **325**

FE: Assim como é verdade que quem eu amo vai me amar, do mesmo jeito num tô
mentindo.

Mas ainda não fiquei sabendo de nada do que te mandei fazer.

GO: Num trouxe nada.

FE: Tu me lascou.

GO: Se vocês me der atenção, posso achar uma solução.

Depois que tu mandou eu parti, cheguei na Caria;

Aí vi um amigo teu e pedi pra ele arranjar um dinheirinho pra gente. **330**

⁴⁹ No texto original, "*Juppiter te dique perdant!*" que poderia ser traduzido por "que Júpiter e os deuses te arruinem!".

⁵⁰ No texto original, "*Gramarum habeo dentes plenos, lippiunt fauces fame; Ita cibi vacivitate venio lassus lactibus*", a segunda parte do trecho poderia ser traduzido por "eu tenho uma boca amaríssima e a garganta pastosa de fome".

⁵¹ Literalmente seria "prefiro uma coisa certa a qualquer coisa".

⁵² Meus dentes.

⁵³ No texto original, "*Ne me ludas*" que poderia ser "não brinca comigo".

Ah! Se o senhor soubesse o quanto ele gosta de tu.

Ele não queria te enganar...

Ele queria te ajudar, como é o certo um amigo fazer pelo outro.

Ele me respondeu com poucas palavra e cum muita franqueza que o que tu tá passanu, ele também tá, num tem dinheiro nenhum.

FE: Tu tá me acabando com isso que tu tá dizendo.

GO: Pelo contrário, tô é te livranu, quero é arrumá solução pro teu problema. **335**

Depois qu'ele me respondeu, mim afastei dele e fui pra praça tristin porque fui em vão pra lá.

Aí do nada vejo um soldado;

Me aproximei dele e cumprimentei

“Oi” ele disse, me pegô a mão,

me puxô prum canto e me perguntô porque eu tinha ido para Cária.

Respondi que fui pra me divertir. **340**

Aí ele me perguntô se eu conhecia um banqueiro chamado Lico em Epidauro.

Eu disse que conhecia.

“E o cafetão capadócio?” — ele me perguntô.⁵⁴

Eu disse que tinha visto ele muitas veze

“O que tu queria cum ele?” (fala do Gorgulho para o soldado)⁵⁵

“Porque comprei dele uma virgemzinha por 30 conto e paguei mais 10 pelas roupa e jóias” (O soldado perguntou)

Aí eu perguntei: “Tu deu dinheiro?”

Ele disse “Tu tá doido? Deixei o dinheiro com o banqueiro, **345** aquele que te falei, o Lico.

Mandei que quem trouxesse a carta selada com o meu anel levasse do alcoviteiro a mulher com as roupas e as jóias.”

Depois que ele me contou isso, eu já ia deixar ele lá. Aí ele me chama de novo na merma hora e me convida pra janta.

Eu fui um santo, não quis recusá. **350**

“E se a gente saísse e fosse se acomodá à mesa?” ele perguntou. A proposta me agradô.

⁵⁴ “Ele me perguntou” não é um trecho do texto original, mas foi adicionado para complementar o sentido da tradução.

⁵⁵ Não há no texto original a distinção de quais falas da história de Gorgulho são suas e quais são as dos soldados. Inseri didascálicas para facilitar a leitura.

Num é bom nem atrasá o dia, nem estragá a noite.

Cada coisa foi preparada e a gente tava lá com tudo à disposição.

Depois qu'a gente jantô e bebeu muito, ele pediu o jogo de dado.

Ele me chamô pra jogá.

Eu coloquei a manta. **355**

Ele botô o anel no dedo, e chamô por Planésia.

FE: O meu amor?

GO: Te cala um pouco. Ele tirou 4 abutres.⁵⁶

Agarrei os dado, chamei meu santin protetor.⁵⁷

Tirei um rei.

Ofereci um grande copo.

Ele bebeu tudin, encostô a cabeça e dormiu. **360**

Aí surrupiei o anel dele.

Tirei meus pé da cama, pro soldado num percebê

Os escravo me perguntaru pr'onde eu tava indo: Eu disse que vinha p'ronde os de barriga cheia vão.

Quando vi a porta, sai zilado.

FE: Massa!

GO: Tu diz "massa" quano eu faço aquilo que o senhor quer.

Agora vamo entrá, pra gente selá a carta.

FE: E eu tô empatando, por acaso? **365**

GO: Mas antes vamos comê algo, um pernil, um têta de porco, uma língua:

Isso que dá sustança;

Pão e carne assada;

Um copão de vinho;

Uma panelona, pra que eu consiga pensá direito.

Tu vai prepará as cartas, este aqui vai me servir, e eu vô comê;

E eu vô dizê como o senhor vai escrevê.

O senhor pode me seguir por aqui.

⁵⁶ O *volturius*/abutre nesse jogo antigo significava azar, enquanto o *basilicum*/basílico era a melhor peça, equivalente a um rei.

⁵⁷ No texto original, "*invoco almam meam nutricem|Herculem*" isto é, "invoco Hércules, minha alma nutriz".

FE: Na hora. **370**

LICO: BANQUEIRO

GORGULHO: PARASITA

CAPADÓCIO: ALCOVITEIRO

LI: Eu pareço gente rica. Fiz as continha, de quanto dinheiro eu tenho e quanto é dosoutro⁵⁸.

Sou rico, se não pago quem eu devo.

Se eu pago a quem devo, eu fico sem nada e ainda fico devendo.

Mas quando repenso melhor,

Se me forcarem mais, eu vou ao juiz ⁵⁹e declaro falência. **375**

A maior parte dos banqueiros tem esse costume,

De cobrar uns aos outros, num pagar é ninguém,

E se alguém cobrar gritando, eles resolve as coisa no bogue⁶⁰.

A pessoa que rapidinho ganhou dinheiro, **380**

se não economizou, rapidinho fica pobre.

Eu quero comprar um certo escravo para mim.

Vou procurar um pra agora,

Tô precisando de dinheiro.

GO: (saindo da casa de Fédromo e falando com ele) Tô de barriga cheia, tu num vai me dar instrução nenhuma, he-hein⁶¹, me alembro de tudo.

Vou entregá isso pro senhor perfeitoinho;

Num se aperreie não; **385**

Num é que enchi o bucho aqui dentro

Mas a verdade é que deixei um lugarzin no bucho

Pra eu esconder a sobra das sobras.

Quem é este que saúda São Rafael com a cabeça coberta?

Ô rapaz, é quem eu tava procurando.

⁵⁸ Dos outros.

⁵⁹ O *praetor*, ou seja, o magistrado romano.

⁶⁰ Palavra do falar nordestino equivalente a “soco”.

⁶¹ Expressão maranhense usada tanto para concordância quanto para discordância, dependendo da entonação usada.

Vem cumigo! **390**

Vou fingir que num conheço.

Ei tu, quero falar cuntigo.

LI: Ê caôlho!

GO: Vem cá, tá tirando uma com a minha cara?

LI: Tô achando que tu é da familia dos ciclope⁶²:

porque eles são tudo caôlho.

GO: (apontando para o olho) isso aqui foi um golpe de catapulta na Batalha de Silicone.

LI: E o que eu tenho a ver com isso se uma panela explodiu e arrancou teu olho? **395**

GO: (ele tá falando consigo mesmo) Esse cara é vidente, disse coisa que aconteceu de verdade;

Porque aquelas catapulta sempre vêm pra cima de mim;

(Se referindo agora ao Lico)

Ê rapaz, essa marca gloriosa que tenho aqui foi pela pátria, então não zomba de mim não.⁶³ **400**

LI: Se eu não posso zombar de ti na frente dosotro⁶⁴, posso te zombar na ali na praça?

GO: Na verdade, tu num vai me zombá não

Num gosto dessas tuas conversa de negócio de me humilhar na praça ou em público.

Mas se tu pudé me mostrá esse homi que tô procurano, tu vai ter minha eterna gratidão. **405**

Tô procurano Lico, o banqueiro.

LI: Me diz aí,

O que tu quer com ele? Ou melhor, de onde que tu é?

GO: Pois eu vou te dizê:

Da parte do soldado Terapontigono Platagidoro.

LI: Ah sim, claro. Eu conheço esse nome,

Pois eu escrevi 4 páginas inteiras com esse nome. **410**

E o que é que ele quer com Lico?

GO: Eu tenho uma ordem.

Pra levá esta carta pra ele.

⁶² Personagem da mitologia grega conhecida por ter só um olho e no meio do rosto.

⁶³ No texto original, há um jogo de palavras em que fica sugerido uma conotação sexual.

⁶⁴ Dos outros.

LI: Quem é tu?

GO: Sou ex-escravo dele, todo mundo me chama de Sumano.

LI: Oi, Sumano. Que Sumano tu é? Me diz.

GO: É que quando eu durmo bêbado, eu mijo nas calças. **415** Por isso todo mundo me chama de Sumano.

LI: É melhor tu procurar abrigo pra ti em outro lugar.

Na minha casa, com certeza, num tem lugar para um sumano.

Mas esse que tu tá procurando aí sou eu.

GO: E tu que é esse tal de Lico, o banqueiro?

LI: É eu mesmo.

GO: Terapontígono mandô lembranças e que eu te desse a carta. **420**

LI: Pra mim?

GO: Sim sim.

Pega, verifica o selo. Tu reconhece?

LI: Por que eu não reconheceria?

Logo eu o cara que cortou um elefante com uma espada.

GO: Ele mandô que eu te pedisse pra fazê de cabo a rabo o que tá escrito se tu quiser a gratidão dele. **425**

LI: (fazendo sinal para Gorgulho se afastar)

Te afasta aí que vou ver o que tá escrito.

GO: Tranquilo, faz como tu quiser desde que tu me dê o que eu tô procurando.

LI: O soldado Terapontígono Platagidoro apresenta seus cumprimentos a seu Lico, seu hospedeiro em Epidauro. **430**

GO: (falando consigo mesmo) Esse é meu, mordeu a isca.

LI: Peço e suplico a ti que aquele que vai trazer pra ti as cartas, que pra ele seja entregue a virgem que comprei na tua presença e com teu intermédio, além das roupa e ouro. **435**

Tu já sabe: o dinheiro é pro alcoviteiro e a moça para Gorguio. Onde ele tá? Por que num veio?

GO: Eu vô te dizê: faz três dia que a gente vem da Índia pra Cária. Agora lá ele quer fazer uma estátua cum ôro macicin do rei Felipe da Macedônia, **440** uma estátua de uns dois metro e pouco em lembrança do que ele já fez.

LI: E pra que isso?

GO: Vô te dizê:

Porque ele sozinho dentro de vinte dias venceu metade desses povo tudim⁶⁵. Os persa, os Paflagônio, os cretano, os sinopa, os cária, os sírio, os árabe, a Rodia, a Lícia, a Peredia e a Peribedia, a Centauromaquia e a Classia Uromania e todo o litoral da Lídia e toda a Conterebronia. **445**

LI: Éguas siô!⁶⁶

GO: Qual o espanto?

LI: Na verdade, é porque se esse todo fosse preso numa gaiola, como um bando de pintinho, **450** nem em um alguém ia conseguir dar a volta. Eu acho que tu é dele: tanto que tu só fala besteira.

GO: E se tu quiser eu continuo falando.

LI: Num vô perder meu tempo.

Me segue aui, vô resolver o que tu veio fazer.

Tô vendo ele. Ei, cafeta⁶⁷!

CA: Que os deuses te amem. **455**

LI: Por que que tu acha que vim te procurar?

CA: Diz aí o que tu quiser.

LI: Quero que pegue o dinheiro e deixe a garota ir com ele.

CA: E o que eu jurei?

LI: O que isso te interessa se tu vai receber dinheiro?

CA: Quem aconselha, quer ajudar. **460**

Me segue vocês.

GO: Cafeta, toma cuidado pra não me atrasá.

ATO IV

DIRETOR DE TEATRO

Marrapaz⁶⁸,

⁶⁵ Tudinho.

⁶⁶ Expressão maranhense que dá ideia de surpresa ou chateação.

⁶⁷ Modo de dizer *cafetão* de um jeito informal.

⁶⁸ Expressão maranhense que serve como interjeição de surpresa dependendo da situação.

Fedromo encontrou engenhosamente este tagarela engenhoso. Não sei dizer o que esse cara é mais, um malandro ou um fofoqueiro. Tenho até medo de não receber as roupas que encomendei. Embora eu não tenha negócios com esse cara – já que confiei ao próprio Fédromo **465** a encomenda, ainda assim vou ficar de olho. Mas enquanto ele tá saindo, eu vou mostrar em que lugar vocês vão encontrar qualquer tipo de pessoa. Para que não falam esforço com trabalho demais, se alguém quer encontrar um sujeito com vícios ou sem vícios, honesto ou desonesto.

Quem quiser encontrar um trapaceiro ⁶⁹é só ir numa reunião de político; **470**

Quem quiser achar um mentiroso e fanfarrão, é só ir nessas igrejas que só pedem dinheiro.

Quem quiser achar marido que gaste muito, é só procurar no shopping. Nesse mesmo lugar, você pode encontrar velhas oportunistas e fazedores de negócio. E também gente fazendo vaquinha pra comer algo perto do Mercado do peixe.

Os homens e ricos passeiam na parte mais baixa da Holandeses.⁷⁰ **475**

No meio da praça ao longo do canal tem uns exibidos. A cima do lago ficam uns gaiatos, fuxiqueiro e uns diabo réi⁷¹, que ficam falando merda pros outros do nada, e eles mesmos têm o rabo preso.

Embaixo dos comércios antigos, tem os que dão e os que recebem o dinheiro a juros. **480** E atrás do templo do santinho⁷², tem gente que tu não pode dar confiança logo de cara.

Na rua Toscana, tem uns garotos de programa. E perto do Mercado do Peixe tem padeiro, açougueiro, feiticeiro, revendedores e fornecedores. Sem contar os maridos ricos na casa de Leucadia. **485** Mas enquanto tava falando isso, a porta bateu, tenho que segurar minha língua.

⁶⁹ A palavra no trecho original utilizada foi *perjurum* que significa *falsário/perjúrio*.

⁷⁰ Os locais nesse trecho foram adaptados para o contexto ludovicense. Por exemplo, no trecho original foi citada a “*basílica*” que era onde, na Roma Antiga, os homens casados procuravam prostitutas, na tradução foi substituído pela “Avenida dos Holandeses”, ou apenas “Holandeses” por ser um local público de constante fluxo de pessoas em horário tardio, entre onze (11) horas da noite até três (3) horas da manhã. Outro local citado na tradução é o “mercado do peixe”, local que fica no centro de São Luís e é um conjunto de várias lojas que vendem produtos regionais, além de comidas, bebidas e roupas. Local de alto fluxo de pessoas de baixa renda na cidade.

⁷¹ Expressão maranhense cujo significado pode variar. Aqui significa “*salientes*”.

⁷² No trecho original há referência a Castor. Castor e Pollux ou Polideuces eram irmãos gêmeos na mitologia greco-romana, filhos de Leda com Tíndaro e Zeus, respectivamente, irmãos de Helena de Troia e Clitemnestra, e meio-irmãos de Timandra, Febe, Hércules e Filónoe. Eram conhecidos coletivamente em grego como Dióscuros e em latim como os Gêmeos ou Castores.

GORGULHO: PARASITA
CAPADÓCIO: ALCOVITEIRO
LICO: BANQUEIRO
PLANESIA: VIRGEM

GO: (A Planésia) Ei, tu aí! Pra frente, mocinha! Não posso vigiar quem tá atrás de mim.

(A Capadócio) Tava dizendo ser dele tanto o dinheiro quanto a roupa toda que ela veste.

CA: Ninguém tá dizendo que não é.

GO: Num faz mal avisar.

LI: (A Capadócio) Lembra tu ter prometido, **490** se alguém puxar aquela mocinha pela mão dizendo que ela é livre, tu vai me devolver a grana toda, os trinta conto.

CA: Eu vou me lembrar, fica tranquilo com isso. Eu mantenho o que eu disse.

GO: Também vou querer que tu lembre disso.

CA: Eu me lembro e vou te dar ela como garantia.

GO: E por acaso eu lá vou aceitar alguma coisa vindo de um cafetão como garantia? Desse povinho que num tem nadinha a não ser uma língua, **495** que quando recebem algo fingem que não.

Vende os escravo alheio e libertam os escravo alheio e dão ordem pros escravo alheio.

Nem ninguém quer ser fiador pra vocês, nem vocês são pros outro... na minha opinião, a raça de cafetão entre os homem é como mosca, muriçoca⁷³, percevejo, piolho e pulga. **500** Vocês num tem utilidade nenhuma, só serve pra criar inimizade, espalhar o mal e encher a paciência. Ninguém honesto para na praça falar com vocês. E aquele que para, o povo taca o pau⁷⁴, eles não tira os olho deles e critica. E eles dizem que ele perde a credibilidade, ainda que não tenha feito nada.

LI: Tu conhece os cafetão muito bem, né caôlho? **505**

GO: Eu coloco vocês banqueiro no mesmo nível. Vocês são igualzin a eles. Eles, pelo menos, ficam em lugares escondidos, ficam na própria praça.

Vocês com usura, eles aconselham mal e acabam ⁷⁵com as pessoa no puteiro. Por causa de vocês, o povo propôs várias lei, e quando elas tão valendo você acha logo

⁷³ Pernilongo.

⁷⁴ Falar mal, criticar.

⁷⁵ Destruir, fazer mal.

uma brecha e não cumpre. **410** Vocês acham que a lei é como água quente que vai esfriar.

LI: Eu preferia ter ficado calado.

CA: Pra falar mal dos outros, tu é ligeiro.

GO: Pra mim, falar mal é falar de quem não merece. Agora se falar de quem merece, tá é certo. Eu que não vou esperar por ti, nem por tua garantia, nem por nenhum outro cafetão. **515**

Lico, tu quer alguma coisa?

LI: Não, tô de boa.

GO: Então, tchau!

CA: (Se referindo a Gorgulho) Ei! Tu aí! Tô falando contigo.

GO: Fala aí, o que tu quer?

CA: Eu quero que tu cuide dela, que ela esteja bem. Em minha casa, eu eduquei ela bem e de maneira descente.

GO: Se tu te preocupa com ela, o que tu dá de bom pra ela?

CA: Surra.

GO: Tu que tá precisando disso pra tomar rumo na vida.

CA: (Para Planésia) Por que tu tá chorando, abestalhada? Num fica com medo não; **520** Eu te vendi bem. Te comporta bem, por favor! Segue ele bem bonitinho, viu bonita?

LI: (Para Gorgulho) É mijoniano, tu ainda vai precisar de mim?

GO: Tchau! Não, porque tu já me deu a ajuda e o dinheiro generosamente.

LI: Manda lembranças pro teu patrão.

GO: Vô mandá!

LI: (Para Capadócio) Por acaso tu quer algo, cafetão?

CA: Me dá uns dez conto pra me cuidar, **525** até que a situação melhore pra mim.

LI: Tá bom! ⁷⁶Amanhã manda buscar.

CA: Visto que fiz o negócio bem, quero fazer uma oração de agradecimento no templo. Comprei aquela piquena ⁷⁷por dez conto, mas depois nunca mais vi quem me vendeu ela. Acho que ele morreu, mas o que que eu tenho a ver? Eu tenho dinheiro.

⁷⁶ No trecho original tem-se “*Dabuntur*” que literalmente significa “serão dadas”.

⁷⁷ Palavra usada no vocabulário maranhense para se referir a garotas jovens.

530 O homem a quem os deuses são favoráveis, dão vantagens a ele. Agora vou tratar das coisas pros deuses; é bom eu me cuidar bem.

TERAPONTIGONOS: SOLDADO

LICO: BANQUEIRO

TE: Eu tô chegando agora morrendo de raiva, com a mesa fúria com que aprendi a destruir cidades. Se tu não me der ligeirinhos os trinta conto **535** que deixei na tua casa, prepara teu caixão.

LI: E eu vou te honrar não com uma surra pequena, as com a mesma que honro a quem não devo nada.

TE: Não te faz de doido ⁷⁸pra mim, nem pensa que eu vou te pedir arrego.

LI: Tu num vai me obrigar a devolver pra ti o que já foi devolvido, **540** num tô aqui pra fazer caridade não.

TE: Eu pensava o mesmo de ti quando confiei, que tu ia devolver nada.

LI: Por que tu tá me pedindo então?

TE: Eu quero saber a quem tu me devolveu.

LI: Ao teu ex-escravo, um caôlho; Ele disse que se chama mijão, eu devolvi a ele as cartas seladas que ele trouxe as quais tu me... **545**

TE: Com que ex-escravo caôlho tu tá sonhando? Com que mijão? Na verdade, não tem nenhum ex-escravo.

LI: Tu age melhor do que parte dos alcoviteiros que têm ex-escravos e abandona eles.

TE: O que que tu fez?

LI: O que tu mandou, eu fiz em consideração a ti, eu não desprezei o cara que trouxe o teu selo pra mim. **550**

TE: Tu foi mais besta que umm besta, que foi acreditar nessa carta.

LI: Como que não acreditaria se é assim que as coisa são na vida pública e privada?⁷⁹ Eu vou embora, minhas coisas tão tudo resolvida aqui honestamente. Fica bem, meu parcêro!

TE: O quê? Como assim “fica bem”?

⁷⁸ Expressão maranhense que é o mesmo que “fazer-se de desentendido”.

⁷⁹ O costume vigente na época era de tratar de assuntos importantes através de cartas que tivessem os selos de figuras importantes. É por trazerem o selo que a personagem acredita nas cartas que lhe foram entregues.

LI: Então vai se lascar, se tu acha melhor, pelo resto da vida.

TE: O que que vô fazer? Do que me adianta ter feito reis me obedecerem, se um zé ninguém desse fica tirando com a minha cara. **555**

CAPADÓCIO: ALCOVITEIRO

TERAPONTIGONO: SOLDADO

CA: (Saindo do templo sem ver Terapontígono) O homem a quem Deus é a favor, mão acho que ele se volta contra ele. Depois que eu fiz a oferenda, veio a minha mente que não deixasse o banqueiro ir eбора, que eu pedisse dinheiro, para que de preferência eu gastasse e não ele.

TE: Eu tava te cumprimentando. **560**

CA: Terapontígono Platagidoro, salve! Já que tu chega bem em Epidauro, aqui hoje em minha casa, tu não vai lamber um grão de sol.

TE: Belo convite! Só que já tá tudo arrumado... para que tu se dane. Mmas o que é que minha mercadoria faz na tua casa?

CA: Num tem nadinha na minha casa – num adianta chamar testemunha – eu num tô devendo coisa alguma.

TE: Como é que é? **565**

CA: O que eu jurei, eu fiz.

TE: Tu vai devolver a virgem antes que eu te fure com a minha espada ou não, disgranha?

CA: Eu vou é mandar te descer o cacete; Tu não vai me botar medo não. Ela foi levada. Com certeza, tu também vai ser levado por mim se continuar me tratando mal, tu a quem não devo nada senão uma surra. **570**

TE: Tu tá me ameaçando com uma surra?

CA: E num vou só ameaçar não, vou te dar uma surra se tu continuar me enchendo o saco.

TE: Um cafetão me ameaça e minhas batalhas e feito de guerra estão sendo rebaixados? E que a espada e o escudo me ajudem nessa briga.

Se a virgem não for devolvida, vou te deixar em pedacinhos para as formigas levarem. **575**

CA: Eu juro por minhas pinças, o pente, o espelho, a escova, a tesoura e a toalha de mão que nem tuas magnífica palavra nem tuas grande ameaça valem mais pra mim

do que a escrava que limpa minha privada. **580** Devolvi ela a quem trouxe o dinheiro da tua parte.

TE: Quem é esse cara?

CA: O que dizia ser teu ex-escravo, o Mijão.

TE: Meu? Agora que tô pensando nisso, Gurguio me passou a perna, ele roubou meu anel.

CA: Tu perdeu o anel?

(Falando consigo mesmo baixinho) O belo soldado foi alistado no batalhão dispensado. **585**

TE: Onde vou encontrar esse Gurguio agora?

CA: No trigo, fácil fácil! E te digo mais, em vez de um gurguio, tu pode achar quinhentos. Tô indo embora, valeu!

TE: Valeu uma ova, vai te lascar! O que eu faço agora? Fico ou vou embora?

Eu ser feito de besta assim? Tenho até vontade de dar uma graninha pra quem me mostrar onde aquele sujeito tá. **590**

ATO V – CENA 1

GURGULHO: PARASITA

Ouvi dizer que o poeta antigo teria escrito numa tragédia que duas muiér é pior do que uma; E é mermo. Mas nunca vi ou ouvi falar de muiér pió do que essa namorada de Fédromo, num se pode ser dito ou imaginado pió (do que ela é). Ela quando me viu cu'anel, **595** pergunto onde peguei. 'Pra quê que tu qué sabê disso?' 'Porque eu quero sabê'. Eu mi'nego a responder. Pra me tomá o anel, ela arrebatou minha mão e mi'mordeu. Me soltei dela com dificuldade e fugi. Xô com essa cadelinha daqui!

PLANESIA: VIRGEM

FÉDROMO: JOVEM

GURGULHO: PARASITA

TERAPONTÍGONO: SOLDADO

PL: Fédromo, te apressa!

FE: Por que tenho que me apressar?

PL: Espero que tu num tenha deixado o parasita escapar. Porque o negócio é importante.

GO: Pra mim, num tem nadinha de importante. Pois o qu'eu tinha já acabei. **600**

FE: Não deixei não. Qual o negócio?

PL: Pergunta aí pr'ele de onde que ele arranjou o anel. Meu pai usava esse anel.

GO: (Em tom de ironia) A minha tia também.

PL: Mamãe deu pr'ele o anel.

GO: (Com ironia) E aí teu pai te deu.

PL: Tu tá falando merda.

GO: Tô acostumado. Por causa dessas merda que vivo mió. E daí?

PL: Tô te pedindo que não me empate de achar meus pais. **605**

GO: Eu o quê? Eu tenho escondido eles embaixo da pedra do anel?

PL: Eu nasci livre.

GO: Inigual ⁸⁰um ban' di ⁸¹gente que agora é escravo.

FE: Na verdade, eu tô é me irritando.

GO: Eu já te disse como eu consegui o anel. Quantas vezes preciso te dizer? Num tô te dizendo que eu enganei o soldado num jogo de dados.

TE: (Falando sozinho) Eu tô salvo. Olha aí quem eu tava querendo encontrar. E aí, meu parceiro?!

GO: Fala aí! **610** Se tu quiser a gente joga três lance de dado pela túnica.

TE: Por que tu num vai pro inferno com teus dado e teus dedo? Devolve logo o dinheiro ou a garota.

GO: Que dinheiro? Que besteira é essa que tu tá me falando? Que garota é essa que tu tá me pedindo?

TE: A que tu levou do cafetão hoje, desgraça.

GO: Num levei ninguém não.

TE: Claro que levou, tô vendo ela aí.

FE: Essa garota aqui é livre. **615**

TE: Como que minha criada é livre, se eu nunca libertei ela?

FE: Quem te deu ela ou de onde tu comprou? Eu quero saber.

⁸⁰ Igual.

⁸¹ Bando de.

TE: Eu paguei o valor dela pelo meu banqueiro. Vou levar quatro vezes mais o valor desse dinheiro de ti e do cafetão.

FE: Tu que sabe negociar garota roubada e livre, **620** entra na justiça.

TE: Eu não.

FE: Tu pode apresentar testemunha?

TE: Não posso.

FE: Que Deus te castigue e que tu viva sem testemunha.
(Agora para Gorgulho) Mas eu vou pedir a quem pode, a ti: vem cá!

TE: Um escravo testemunhar? Como é que pode?

GO: Olha! Pra tua informação, eu sou livre: então pode botar na justiça.

TE: Toma aqui. **625**

GO: É gente! GENTE!

TE: Por que tu tá gritando?

FE: Por que que tu tá batendo nele?

TE: Por que tô com vontade.

FE: (Referindo-se a Gorgulho) Vem aqui!
Vou te entregar a ele! Fica quieto aí!

PL: Fédromo, tô te pedindo, me protege!

FE: Eu vou te proteger como a mim mesmo e de meu santinho.⁸² Soldado, eu tô pedindo que tu me diga de onde tu pegou aquele anel que esse parasita te roubou.

PL: Tô te pedindo de joelho que tu conte. **630**

TE: O que que isso interessa vocês? Querem saber também como que achei minha roupa e espada?

GO: (Falando com Fédromo) Como é arrogante esse fanfarrão!

TE: Deixe ele ir, vou falar tudo.

GO: O que ele tá dizendo não vale nada.

PL: Me conta, eu tô te pedindo, por favor.

TE: Eu vou te contar. (A Planésia) Te levanta! Vocês aí pres' tenção⁸³ no que eu vou dizer. **635** Meu pai, o Perifanes, que tinha esse anel, Planésia. Ele me deu antes de morrer já que eu era o filho e era o justo.

PL: Meu Deus!

TE: E deixou os bens dele pra mim.

PL: Oh, minha nossa senhora⁸⁴, me protege! Tenho sido devota a ti. **640**
Oi, meu irmão.

TE: Como que eu vou acreditar nisso? Vamo lá! Se tu tá dizendo a verdade, quem foi tua mãe?

PL: Cleobula.

TE: Quem foi tua ama?

PL: Arquestrata. Ela me levou pra ver as festas de São João⁸⁵. **645** Depois que a gente chegou lá, ela já tinha me colocado sentada, bateu um vento forte. Aí as arquibancadas caiu. Eu fiquei com medo, aí então num sei quem me levou assustada e com medo, tava mais pra lá do que pra cá.⁸⁶ Nem sei dizer de que maneira me levou. **650**

⁸² Na edição da *Les Belles Lettres*, Ernout (1964), traduz-se esse trecho da seguinte maneira “*Como eu o faria a mim mesmo e ao meu anjo da guarda*”.

⁸³ Presta atenção.

⁸⁴ No trecho original, faz-se referência à deusa Pietas (Piedade), que substituí por Nossa Senhora.

⁸⁵ No trecho original, faz-se referência às festas de Dionísio que, na tradução, substituí por festas de São João.

⁸⁶ Literalmente, “nem viva nem morta”.

TE: Me lembro de acontecer essa confusão. Me diz aí, onde tá esse homem que te levou?

PL: Num sei. Porém eu sempre guardei o anel comigo, com ele eu me perdi.

TE: Me dá aqui pr'eu ver.

GO: Tu tá boa da cabeça pra entregar pra ele o anel?

PL: Me larga de mão.

TE: Meu Deus do céu! **655**

Esse é o mesmo que te mandei no dia do teu nascimento; reconheço esse anel tão fácil quanto eu mesmo. Oi, minha irmã.

PL: Meu irmão, oi!

FE: Que Deus abençoe vocês!

GO: E eu quero que Ele abençoe todos nós:

Pra que tu que tá chegando hoje dê um jantar pra tua irmã. **660** (Apontando pra Fédromo) E esse aqui amanhã vai dar um jantar de noivado; já tamo lá!⁸⁷

FE: Te cala!

GO: Não me calo, quando as vão bem. (Para Terapontígono) Tu promete ela em casamento a ele soldado. Eu vou dar o dote.

TE: Que dote?

GO: Que dote eu vou dar? Um pra que ele me alimente enquanto eu viver.

TE: Pra mim, tá bom: eu que não vou reclamar; **665** e este cafetão tá devendo pra gente trinta conto.

FE: E por que isso?

TE: Porque ele prometeu pra mim que se alguém dissesse que ela é livre, ele ia devolver o dinheiro sem discussão. Agora a gente vai ate o cafetão.

GO: Eu concordo.

FE: Antes disso, **670** quero resolver meu assunto.

TE: O que é?

FE: Que tu me dê a mão dela em casamento.

GO: Por que tu tá lerdando em dar a mão dela pra ele, soldado?

TE: Se ela quiser.

PL: Meu irmão, eu quero.

TE: Pois pronto.

GO: Muito bem!

FE: Tu promete, soldado, ela como esposa pra mim?

TE: Prometo.

GO: Eu também só digo isso: prometo.

TE: Ah, tá bom, muito bem. **675** Mas olha ali o cafetão, vem aí, meu tesouro.

CAPADÓCIO: CAFETÃO

TERAPONTÍGONO: SOLDADO

FÉDROMO: JOVEM

PLANÉSIA: VIRGEM

CA: Quem diz que deixar dinheiro no banco é ruim, tá falando besteira. Eu digo que isso não é nem bom nem mal; eu mesmo hoje passei por isso. **680** Não faz mal negócio quem deixa dinheiro no banco, e nunca recebe de volta, na verdade perde

⁸⁷ No original diz-se “prometemos”, ou seja, prometem que estarão presentes no jantar.

tudo. Assim então quando o cara que me devia teve que me pagar os 10 conto, ele andou todas as mesas. Depois que nada aconteceu, comecei a gritar com o cara; aí ele me bota na justiça. Eu fiquei com medo pá peste⁸⁸, que ele só me pagasse diante do juiz⁸⁹. Porém os amigo convenceram a pagar: ele pagou com as economia. **685** Agora é bom que eu vá rápido pra casa.

TE: Ei, cafetão. Tô te procurando.

FE: Eu também tô te procurando.

CA: Mas eu não tô procurando nenhum dos dois.

TE: Pode ficar parado bem aí.

FE: E cuida em devolver o dinheiro logo.

CA: (Para Terapontígono) O que que eu tenho a ver contigo?

(Para Fédromo) Ou contigo?

TE: Vou te amarrar todinho igual uma bala torcida de baladeira grandona e te preparar pra arremessar. ⁹⁰ **690**

FE: Vou te fazer delicado hoje de modo que tu te deite com um cachorrinho, cachorrinho de ferro ⁹¹eu digo.

CA: Mas eu é que vou colocar os dois na cadeia até a morte.

TE: (Dá a ordem a um escravo) Pega ele pelo pescoço e leva pro quinto dos inferno.

FE: Nem precisa, ele vai sozinho.

CA: Pelo amor de Deus e dos homens! Me arrastar assim sem nem ter culpa e testemunha? **695** Tô implorando, Planésia, e a ti, Fédromo, que vocês me ajudem.

PL: Irmão, eu tô te implorando, não acaba com ele sem ele ter culpa. Ele me tratou bem e respeitosamente em casa.

TH: Isso nem era a vontade dele. Dá graça a São Rafael ⁹²que tu ainda é casta. Pois se ele tivesse uma saúde boa, já teria te dado pra qualquer um. **700**

FE: Escuta isso aqui, se eu posso interceder um acordo entre vocês.

(Falando com o escravo) Deixa ele ir. Vem até aqui, cafetão. Vou dar minha opinião, se vocês forem querer fazer mesmo o que eu decidir.

TE: A gente deixa.

CA: Desde que tu decida de modo que ninguém tire de mim meu dinheiro.

⁸⁸ “Com medo pra peste” é uma expressão adverbial intensificadora.

⁸⁹ No texto original, faz-se referência ao *praetor*, ou seja, o magistrado da época que recebia as declarações de falência.

⁹⁰ Literalmente: “Porque hoje vou fazer de ti um projétil de catapulta e assim vou te torcer com a corda, da mesma forma que as catapultas costumam”.

⁹¹ Referência à cadeia/prisão com o jogo de palavras originais: *Delicatum te hodie faciam cum catello ut accubes, Ferreo ego dico*.

⁹² No texto original, ele se refere ao deus da medicina. Na cultura tradição cristã católica, existem os santos da saúde como São Rafael, São Camilo, São Roque, entre outros.

TE: O que tu prometeu?

CA: Como prometi?

FE: Com a boca⁹³.

CA: Agora tô negando com a mesma: **705** ela nasceu pra mim com a função de falar e não de perder as coisas.

TE: Não tem jeito, agarra o pescoço desse sujeito.

CA: Tá bom, vou fazer como tu mandar.

TE: Visto que tu é uma boa pessoa, responde o que tô te perguntando.

CA: Pergunta aí o que tu quer.

TE: Tu prometeu devolver todo o dinheiro se alguém declarasse ela livre?

CA: Não me lembro de ter dito. **710**

TE: O quê? Tu nega?

CA: Com toda certeza eu nego. Quem tava presente? Em que lugar?

GU: Eu mesmo e Lico, o banqueiro.

CA: Tu num te cala não? Não me calo não.

GU: Tô me lixando pra ti, tu num me mete medo. Eu e Lico que tava presente.

FE: Eu acredito em ti. Agora, pra que tu saiba minha decisão, aqui cafetão. **715** Essa aí é livre, esse é o irmão dela, e ela é irmã dele. Ela vai cassar comigo, tu devolve o dinheiro pra ele. Essa é minha decisão.

TE: Tu vai é levar uma surra, se não devolver meu dinheiro.

CA: Tu foi traiçoeiro julgando isso, Fedromo. E esse mal vai voltar pra ti e tu, soldado, que os santos e as santas te destrua. **720**

(Para Terapontígono) Me segue.

TE: Vou te seguir pra onde?

CA: Pro meu banqueiro. Pro meu juiz; Pois de lá que eu pago pra quem eu devo.

TE: Vou te levar pra tomar é uma surra, não pro juiz, se tu não trouxer de volta o dinheiro.

CA: Eu quero é que tu morra, pra tu saber.

TE: Ah e é?

CA: Pode crê.

TE: (mostrando os punhos) Eu conheço esses punho aqui. **725**

CA: E daí?

⁹³ No original diz "com a língua".

TE: E tu ainda pergunta “e daí?”? Com eles vou te deixar calminho se tu me irritar.

FE: Tá bom! Tá bom! Toma logo!

TE: Na hora.

FE: Soldado, tu vai jantar lá em casa; O casamento vai ser hoje.

TE: Que tudo dê certo pra mim e pra vocês. Espectadores, aplaudam! Aplaudam!